

Letras e memória: uma breve história da escrita



Os exemplos de inúmeros registros gráficos em diversas línguas e épocas dão o recheio dessa saborosa viagem no tempo

Por Luciano Valente

Curiosidade é certamente um dos primeiros sentimentos que vêm à tona ao se abrir um exemplar de Letras e memória: uma breve história da escrita. É difícil começar a ler o livro por uma ordem, digamos, normal – capa, contracapa, orelha, introdução e texto. Antes disso, o impulso nos obriga a folheá-lo de cabo a rabo. Os ricos exemplos de mais de cem alfabetos/formas de escrita, passando por inscrições em cavernas de mais de vinte mil anos, hieróglifos egípcios, ideogramas chineses e até o grafite das ruas do século XXI, formam verdadeiros poemas visuais, como o próprio autor define. Com eles, Adovaldo Fernandes Sampaio nos conduz, de forma leve, por um passeio pela história da linguagem escrita nos quatro cantos do mundo.

O livro tem uma abordagem bastante multidisciplinar, circulando entre história, antropologia e etnolinguística. Essa metodologia parece ser fruto da própria formação de Sampaio, jornalista, bacharel e pós-graduado em letras e direito e, acima de tudo, escritor. Publicou livros de crônicas, como *Agora é saudade*, *Tchecoslováquia blues*, *O sol na rede* e também ensaios, como *Voces femininas de la poesía brasileña*. *Letras e memória* não é sua primeira aventura pela linguística histórica. Em 1993, ele publicou o ensaio *Línguas e dialetos românicos*.

Letras e memória tem quatro capítulos. O primeiro, intitulado “Escrever”, promove um diálogo entre as diversas definições desse verbo e exemplos de trechos de obras de escritores. Quando, por exemplo, o dicionário apresenta como significado “conhecer e praticar a arte da escrita”, Sampaio responde com frases de Carlos Drummond de Andrade (“Escrever é triste. Impede a conjugação de tantos outros verbos”) e de Pablo Neruda, para quem “escrever é fácil: você começa com maiúscula e termina com ponto. No meio, você coloca ideias”.

Após essas visões sobre a escrita, o segundo capítulo começa a encarar a sua história. O interessante é que, para Sampaio, a história da escrita é a mesma da própria humanidade, uma vez que a história do homem começa quando ele passou a utilizar-se da escrita para contá-la. Antes disso, diz, é pré-história. O livro conta o surgimento da escrita desde seus antepassados, como a arte rupestre, que tem registros de até 40.000 a.C., encontrados em diversas partes da Europa, da África e também no Brasil, no sítio arqueológico da Serra da Capivara, no Piauí.

A arte rupestre é a mais antiga expressão da humanidade de que se tem registro. Sua temática era bastante diversa, desde simples representações humanas ou de animais, cenas de caça, até representações fantásticas de cenas religiosas e ritos sexuais. Com o tempo, esses sinais pictográficos evoluíram para ideogramas, que não eram mais desenhos, mas sim traços representativos (a escrita passa a ganhar ares de convenção). Esse passo é extremamente importante, uma vez que os ideogramas podem remeter não apenas a objetos, mas também a conceitos subjetivos. Os hieróglifos egípcios datam de 3.200 a.C., enquanto que os ideogramas chineses, utilizados até hoje, têm seus primeiros registros em 1.500 a.C.

Na Mesopotâmia (atualmente sul do Iraque e sudoeste do Irã), no ano de 3.000 a.C., surgiu a escrita cuneiforme, em que cada sinal passou a representar uma sílaba. A região da Síria, por volta do ano 1.500 a.C., era ocupada pelos fenícios, um povo bastante organizado, de bom domínio da agricultura e que fazia

comércio com todo o Oriente e Ocidente. Com eles, surgiu o alfabeto fenício, que pela primeira vez associava os caracteres aos sons, como na escrita fonética, que temos hoje. Aquela região foi colonizada pelos gregos e romanos e deu sua principal contribuição para o progresso cultural: a difusão do alfabeto, que modificado, passou a transcrever outras línguas, podendo ser considerado o ancestral de todos os alfabetos ocidentais, como o grego, de 900 a.C. e o latino, de 700 a.C.

O terceiro capítulo do livro traz uma rica iconografia, mostrando a evolução de diversas línguas escritas no tempo, com imagens de documentos originais, de difícil obtenção. É importante ressaltar que Sampaio não se atém apenas às escritas ocidentais. O livro contém registros e histórias de alfabetos árabes, indianos, nepaleses e muitos outros.

Na quarta parte – a que mais salta aos olhos – estão mais de cem línguas e suas respectivas escritas, sempre acompanhadas de um breve histórico, classificação e textos de amostra. Ali estão inscrições rupestres de dezoito mil anos (ou mais), línguas e escritas desaparecidas ou abandonadas – e todas as que ainda estão em uso, inclusive várias que sobrevivem com reduzidíssimo número de usuários. Um verdadeiro banquete para os curiosos.

Escrita, espiritualidade e poder

Letras e memória também aborda diferentes questões em torno da escrita. Sampaio menciona que na Mesopotâmia, com os fenícios, pela primeira vez a escrita se tornou o cerne da organização de uma sociedade. Registros mostram que aquele povo anotava na argila todo o histórico de suas atividades comerciais. Trata-se da primeira associação da escrita ao poder, com claras vantagens para quem dominava aquela convenção.

Nos séculos seguintes, aconteceu a consolidação dessa tendência. A sociedade se organizou em torno da escrita: administração pública, escolas, ensinamentos religiosos e bibliotecas. Na Grécia e em Roma, os gêneros textuais se multiplicariam: anais, textos jurídicos, médicos, matemáticos, literatura e filosofia. Até hoje, a escrita não para de se transformar, especialmente em função da tecnologia. Dos restritos e difíceis papiros, ao papel e à massificação dos livros impressos. Hoje, discute-se a possibilidade do fim do livro impresso, com crescimento dos leitores eletrônicos.

Sampaio também enfatiza a forte ligação que a escrita tem com a espiritualidade humana. No texto, ele cita que muitos pesquisadores consideram que o primeiro livro escrito seja o chamado *Livro dos mortos do antigo Egito*. Na época, esse papiro costumava ser enterrado junto às múmias, pois continha conhecimentos “mágicos”, uma espécie de roteiro a ser seguido para vencer os obstáculos em direção a uma vida tranquila no além. “A escrita serviu de encontro, sempre renovado, entre o visível e o invisível, entre os homens e os deuses. Diz a *Bíblia* que foi pelo escrito que o Deus dos hebreus deu a Moisés as tábuas dos dez mandamentos”, diz Sampaio no livro.

Notável esforço de pesquisa

Os agradecimentos do autor em *Letras e memória: uma breve história da escrita* nos contam algumas das histórias da obtenção dos textos raros, como um em escrita tiffinagh, dos tuaregues, um povo nômade que habita o deserto do Saara, ou outro da escrita sogdiana, de habitantes do interior do Usbequistão. É louvável o esforço de pesquisa que Adovaldo Fernandes Sampaio empreendeu para realizar esse livro. Diversos exemplares de textos por ele mencionados também foram garimpados em museus e bibliotecas de vários países.

Mais do que uma história da escrita, Sampaio faz uma apologia dessa modalidade de linguagem, exaltando sua importância e a beleza de suas milhares de formas de expressão e ressaltando que cada língua reflete uma visão de mundo, conta histórias e constrói os diálogos entre todos nós.